

A ESCOLA RURAL E O SETOR SUCROENERGÉTICO EM QUIRINÓPOLIS: as transformações socioterritoriais

Alessandra de Souza Gouveia¹
Joelma Cristina Santos²

Resumo

O campo brasileiro, assim como o capitalismo, passou por um processo de desenvolvimento desigual. De um lado o agronegócio, manifestação da agricultura capitalista que se expandiu pelo território brasileiro, e de outro, o camponês, com a sua pequena agricultura, sofreu as consequências do desenvolvimento do capitalismo no campo. Neste contexto, percebe-se o campo voltado para o desenvolvimento econômico, para o agronegócio e para a grande empresa capitalista. No município de Quirinópolis/GO não foi diferente. Há duas décadas atrás, antes da insurgência do setor sucroenergético, era possível constatar um número maior de famílias morando no campo, com seus filhos estudando nas escolas rurais, com o trabalho familiar na pequena propriedade, ou mesmo como trabalhador em propriedades de outrem. O propósito do estudo é mostrar as mudanças que ocorreram no campo quirinopolino e nas escolas no campo do município a partir da instalação das duas agroindústrias sucroenergéticas no município.

Palavras-chave: Campo, Sucroenergético, Escolas.

Introdução

A educação no/do campo é um tema discutido no cenário acadêmico, mas pouco praticado nas instituições de ensino rurais de algumas localidades, como no caso de Quirinópolis. O município está localizado na mesorregião Sul Goiano e pertence à microrregião de Quirinópolis (GO), juntamente com mais nove municípios que, dentre eles se destaca como o principal e mais populoso. Dentre as várias escolas municipais urbanas, compete à responsabilidade municipal quatro escolas rurais.

O estudo apresentado refere-se às escolas rurais Antônio Sabino Tomé, Custódio Antônio Cabral, Josino Rosa Moraes, João Antônio Barbosa e Lino Gedeão e nas áreas rurais que envolvem as mesmas, pois ocupam territórios disputados pelo setor sucroenergético. O objetivo principal da pesquisa é analisar as transformações ocorridas nas escolas rurais e no campo de Quirinópolis a partir da inserção do setor sucroenergético no município.

¹ Discente do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEP), nível Mestrado Acadêmico, da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal/ Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: alessandragouveia93@hotmail.com)

² Professora Doutora do curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEP), nível Mestrado Acadêmico, da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal/ Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: joelma.santos110@gmail.com

As abordagens de ensino utilizadas nestas unidades submetem-se aos anseios urbanos. As políticas públicas que regem as condutas das escolas rurais e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) garantem uma educação conexa ao ambiente de vivência dos alunos que moram no campo, porém nestas escolas não se vê um ensino construído a partir do campo e para o campo. A existência das mesmas garante o ensino dos filhos e filhas dos camponeses em um ambiente mais próximo às suas casas, descartando a hipótese de um inconveniente transporte, delongado e cotidiano, para a cidade.

Ao praticar o ensino no espaço que ocupam, estas escolas tem um papel fundamental na vida dos sujeitos que ainda habitam o campo, pois atendem crianças e jovens cujas famílias possuem residência no rural, assim evitando a evasão destes agricultores familiares para o perímetro urbano. Contudo, no município de Quirinópolis ocorreu a implementação do setor sucroenergético, o que intensificou a monocultura da cana-de-açúcar e a mecanização da produção, o que diminuiu o número de famílias no campo.

Por meio do processo de territorialização do agronegócio no rural do município, as comunidades camponesas e as escolas passaram por um processo de transfiguração, isto é, uma mudança no seu sentido, na sua forma, e o principal, na sua essência. Um dos resultados mais perversos das transformações socioespaciais ocorridas foi o fechamento de uma escola rural devido à queda significativa no número de estudantes da comunidade, a mais próxima das instalações de uma das usinas.

A expansão da fronteira agrícola no Centro-Oeste, especificamente no estado de Goiás, reorganizou o espaço rural, o que comprometeu o modo de vida das famílias do campo. As expressivas mudanças que ocorreram (re)organizaram o território brasileiro, assim, o modo de vida dos indivíduos do campo também foi alvo dessas transformações. Aquelas famílias que não detém condições de adaptarem-se às inovações, seja por questões financeiras ou informacionais, foram desterritorializadas e venderam ou arrendaram suas propriedades aos empresários rurais, os quais implantaram a monocultura canavieira.

Não obstante, muito da tradição do campo e uma população que ainda resiste a esse deslocamento geográfico permanece esquecida e desfavorecida pelo grande capital. A perda de identidade dos sujeitos do campo está relacionada à desvalorização do espaço para relações tradicionais e do modo de vida singelo dos mesmos. A própria instituição de ensino utiliza-se do campo como uma localização geográfica, isto é, sem identificar-se com as peculiaridades do local e da vida dos sujeitos que aí habitam.

A questão a ser analisada é: o número de alunos das escolas rurais de Quirinópolis foi afetado pelo setor sucroenergético? A pesquisa faz-se importante para ressaltar os processos de mudança vivenciados pelos oprimidos do campo devido à apropriação do capital no campo através do agronegócio canavieiro.

A pesquisa pretende investigar o diálogo existente entre o homem e sua apropriação do campo, sem separar seus interesses econômicos e, por meio de uma investigação, constatar as transformações que ocorreram no campo e em suas escolas no município de Quirinópolis após a dominação do setor sucroenergético. Neste sentido o método dialético será utilizado para aprofundar o conhecimento do processo de formação dos fenômenos e seus contextos.

O procedimento mais adequado à análise realizada é o monográfico ou estudo de caso de caráter múltiplo, pois não será abordado apenas um caso em questão. Cabe ressaltar que trata-se de um estudo de caso e ocorre a utilização de abordagens quantitativas e qualitativas. Os procedimentos metodológicos utilizados são compostos por: pesquisa bibliográfica, com consulta a livros e artigos, e pesquisa documental (as fontes consistem em documentos públicos, arquivos particulares e fontes estatísticas).

Na fase de organização dos dados a primeira etapa é a seleção, onde os mesmos serão selecionados e serão verificadas as informações. A outra etapa é a codificação, onde as informações recolhidas são interpretadas e selecionadas de acordo com a relação entre elas. E a parte final de organização dos dados é a tabulação, isto é, arranjar os dados em tabelas para sua melhor amostragem.

Uma vez concluída a fase de campo e a organização dos dados obtidos, é o momento da análise, interpretação e conclusão dos dados da pesquisa. É a etapa de uma explanação dos resultados e contextualização com os objetivos e o conteúdo da pesquisa em questão. É marcada por uma síntese do que foi estudado, enfocando os resultados finais da pesquisa considerados mais importantes.

O setor sucroenergético em Quirinópolis/GO

As relações de produção no campo do município de Quirinópolis estão voltadas em sua maioria à agricultura empresarial/patronal, impulsionada pelo sistema capitalista. Já a agricultura familiar não recebe muito fomento local para uma significativa expansão e permanência e/ou retorno de pessoas ao campo. Neste contexto, o grande produtor capitalista é tido como o exemplo para as demais classes da sociedade e, o mesmo residindo no urbano, a

cidade prevalece como “superior” ao meio rural. Essa visão segue também para as escolas urbanas, frequentadas pelos filhos dos produtores capitalistas.

Nas propriedades em que prevalece o agronegócio se mecanizaram, para o aprimoramento da produção e aumento da produtividade, o que acarreta em menor demanda de mão-de-obra, reduz funcionários e famílias morando no campo e atinge o número de alunos nas escolas rurais.

As territorialização do setor sucroenergético no campo quirinopolino teve início a partir do ano de 2004, com a preparação dos solos, construção das sedes das agroindústrias no campo, migração da mão-de-obra extra regional, principalmente a mão-de-obra não especializada e barata, sendo esta braçal vinda de estados nordestinos para o corte e plantio de mudas. Esse processo de territorialização é descrito por Haesbaert (2004, p. 5) como o processo de “dominação e de apropriação do espaço”.

Após o processo inicial de instauração do setor sucroenergético no município, as sedes das agroindústrias foram oficialmente inauguradas. A Usina São Francisco (hoje SJC Bioenergia), do Grupo São João, entrou em funcionamento no ano de 2007 e a Usina Boa Vista do Grupo São Martinho, deu início a suas operações em 2008. Desde então a monocultura da cana-de-açúcar vem conquistando cada vez mais espaço no município, ao propiciar uma renda aos proprietários de terras sem que os mesmos trabalhem na propriedade.

A cada ano de colheita as usinas estabelecem metas em toneladas de cana colhida para alcançarem os objetivos esperados. No intuito de sempre aumentar a meta nos anos seguintes, as plantações também crescem em hectares anualmente, como mostra a tabela 1. De 2006 a 2015, de acordo com os dados do IBGE, a área colhida em hectares aumentou bastante. Isso implica em uma mudança no tipo de produção que tinha-se no campo e também no modo de vida da população que ainda reside no rural.

Tabela 1 - Quirinópolis (GO): Área colhida de cana-de-açúcar.

Área Colhida	
2006	5.000 ha
2009	38.400 ha
2012	54.500 ha
2015	74.396 ha

Fonte: Produção Agrícola Municipal IBGE (2006-2015).

Percebe-se que, de 2006 a 2015 os proprietários de terras despertaram interesse em arrendar e/ou vender suas propriedades para as usinas. Aqueles cujas propriedades são pequenas ou que sobraram cercados pelas extensas plantações de cana-de-açúcar acabam por arrendar ou vender suas terras à própria usina ou aos vizinhos.

A produção nas pequenas propriedades que dividem cerca com as lavouras de cana-de-açúcar também foi afetada, pois o gado sofre com estresse do barulho das colheitas, principalmente o leiteiro, e até mesmo as pequenas plantações e hortaliças foram prejudicadas com a poeira intensa vinda das estradas e as novas pragas que não conseguiram controlar.

Muitos camponeses desistem de continuar com sua vida no campo devido a estes transtornos e acabam por ser mais uma família morando na cidade. Outros eram trabalhadores que viviam nas fazendas onde trabalhavam e foram forçados a migrar por falta de emprego na área que atuavam. Uma parcela destas pessoas voltaram para o campo como trabalhadores das próprias usinas, sendo estes motoristas de caminhões, colheitadeiras, tratores, entre outros serviços.

Percebe-se que há mudanças não apenas no tipo de produção estabelecido no campo, mas também nas relações de trabalho e sociais das pessoas que habitam/habitavam esse espaço. Santos (2009, p. 124-125) salienta que “há um (re)ordenamento territorial, quando se trata dos agrocombustíveis e, conseqüentemente, um (re)arranjo espacial, tanto do ponto de vista global, como internamente.”

Essa (re)configuração territorial que acontece no município de Quirinópolis está ligada a interesses capitalistas que visam apenas a produção de etanol, açúcar e energia. O intrigante é que esse processo engloba “[...] novas alianças entre políticos, entidades de classe, capitalistas, latifundiários, enfim, um amplo arco das classes dominantes [...]” (THOMAZ JÚNIOR, 2007, p.1). Neste contexto, fica claro que não existe interesse em inserir os camponeses e pequenos proprietários no processo de alianças. Santos (2009, p. 126) afirma que:

[...] cabe ressaltar que a prioridade brasileira na geração de energia ainda é a produção de etanol obtido da cana-de-açúcar, reforçando o modelo do agronegócio no país e não um modelo social e ambientalmente sustentável que possa incluir os camponeses na geração de energia, com o cultivo de matérias-primas mencionadas.

Mais uma vez o camponês é excluído da produção para o setor sucroenergético e o agronegócio é fomentado na política brasileira como a forma mais eficaz de desenvolver

economicamente o país. Neste sentido, a produção da cana-de-açúcar não possui muitos obstáculos nos municípios em que chega, pelo contrário, recebe incentivos fiscais e tem a localização de suas usinas disputadas na microrregião.

O uso de energia renovável valoriza o mercado do setor sucroenergético, e o uso do álcool combustível nos veículos é uma alternativa para os altos custos do petróleo em épocas de crise e, futuramente, de uma alta nos preços devido à escassez. Por isso,

O que se observa até o momento é a expansão desenfreada dos canaviais em todas as regiões brasileiras. Em todo o país, em 1990 a área colhida com cana-de-açúcar se aproximou dos 4,3 milhões de há e em 2007, ultrapassou os 7 milhões de há, sendo que em 2008, superou os 8 milhões de ha, de acordo com o levantamento sistemático de produção agrícola do IBGE, o que significa que, a cada ano o país incorpora uma média de 1 milhão de hectares colhidos de cana-de-açúcar. [...] (SANTOS, 2009, p. 138).

Em Quirinópolis a cada ano aumenta as metas das usinas sucroenergéticas no intuito de produzir mais e mais. Como mostra a tabela 2, desde a primeira colheita de cana-de-açúcar no município as toneladas produzidas não retrocederam em quantidade. Anualmente os investimentos aumentam, tanto tem áreas plantadas, tecnologia, inovação e treinamento de funcionários para favorecer a produtividade.

Tabela 2 - Quirinópolis (GO): quantidade produzida de cana-de-açúcar.

Quantidade produzida	
2006	600.000 t
2009	3.072.000 t
2012	4.087.500 t
2015	6.758.505 t

Fonte: Produção Agrícola Municipal IBGE (2006-2015).

Os canaviais substituíram outros tipos de lavoura temporária que outrora estavam em alta no município, como a soja, o milho e o sorgo. Essas lavouras transformaram o campo quirinopolino em décadas passadas e hoje o ciclo se renova com a plantação da cana-de-açúcar. No entanto a tecnologia e o conhecimento que utiliza-se nos tempos atuais propicia uma expansão acelerada dos canaviais e, sem muitas perdas, torna-se um negócio atrativo aos fazendeiros.

As transformações acontecem e intensificam-se a cada ano, afetando também o modo de vida de todos no município, conforme relata Souza (2013, p. 169)

É importante lembrar que as transformações que vêm ocorrendo em Pedra Lisa e em Quirinópolis não são apenas desse início de século. Há uma velocidade acentuada, nesse momento, mas, desde a chamada modernização da agricultura, nas décadas de 1970 [...] os modos de produção e, por conseguinte, os modos de vida estão sendo transformados. Mas também é preciso dar ênfase a esta atual fase da expansão da agroindústria da cana, visto que é neste período que mudanças substanciais estão ocorrendo. No que se refere às questões econômicas, sociais e culturais, há mudanças recentes, pelo surgimento de novas formas de produção agrícola.

Além das mudanças econômicas já ressaltadas, as relações sociais e culturais também foram modificadas, tanto no campo quanto na cidade. Algumas tradições e contato com os vizinhos pouco acontecem. Nas comunidades rurais mais apropriadas pelos canais muito da tradição e festas camponesas já se perderam. Nota-se que, a população tem sido “beneficiada” com alguns empregos gerados pelo setor sucroenergético, mas para isso muito foi transformado e ainda está sendo, como salienta Souza (2013), nesta nova forma de produção agrícola.

As transformações ocorridas nas escolas no campo

A realidade das escolas rurais em Quirinópolis não é diferente da maioria localizada no espaço rural em âmbito nacional. Os profissionais que trabalham na escola desconhecem as diferenças entre um ensino para o campo e um ensino rural, assim tornam-se leigos ao próprio ambiente de trabalho, dando continuidade ao desrespeito à cultura camponesa.

Dessa perspectiva, os estudiosos alertam para a necessidade de se considerarem o saber e a realidade do aluno como referência para o estudo do espaço geográfico. O ensino de Geografia, assim, não se deve pautar pela descrição e enumeração de dados, [...] o ensino deve propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico em sua concretude, nas suas contradições (CAVALCANTI, 1998, p.20).

Se não há a valorização do espaço rural, o mesmo nunca será um lugar para aqueles que ali vivenciam e/ou vivenciaram momentos de sua vida. Neste caso as relações cotidianas são insuficientes para atender as especificidades do campo. Segundo Jesus (2015, p. 23) “o

projeto da Educação do campo tem como propósito abolir a esse modelo que não respeita a vida[...].”

A escola participa diretamente da formação dos alunos do campo através da educação, no entanto, a mesma escola contribui no processo de migração campo-cidade ao negar o conhecimento adequado para a construção do saber. Cavalcanti (1998, p.16, grifo do autor) afirma que:

O espaço foi perdendo, assim, sua significação absoluta no *lugar* para ganha-la na lógica do poder, da expansão capitalista. Da mesma forma, o tempo tomado como linear e progressivo foi sendo substituído por um tempo cíclico e instável, em razão de que seu sentido passou a ser ligado ao próprio processo produtivo.

O processo produtivo abordado pela autora justifica o modelo de produção que envolve os tempos atuais. Em Quirinópolis o campo tornou-se o território do setor sucroenergético e o tempo está relacionado à colheita das lavouras de cana-de-açúcar. Neste sentido, o ensino surge como estratégia, pois ao incentivar o modelo de produção capitalista a própria escola expulsa o indivíduo do campo para o urbano, causando, frequentemente, a evasão de alunos das instituições de ensino do rural para as urbanas.

Essa situação de permanência dos alunos na escola preocupa não apenas os gestores, mas também toda a comunidade rural. Maior parte dos estudantes são filhos de trabalhadores do campo, estes tem endereços temporários e, constantemente, submetem-se a mudanças, estas impulsionadas pelo processo produtivo atual, migrando para regiões distantes ou espaços urbanos em busca de emprego, o que diminui gradativamente os número de estudantes na unidade escolar.

Em décadas passadas havia no município muitas escolas no campo, com salas multisseriadas para a alfabetização de crianças e jovens. Com o passar dos anos estas escolas foram fechadas e já na década de 2000 apenas cinco escolas encontravam-se em funcionamento no campo, no intuito de atender às comunidades rurais.

Como nesta mesma década houve uma mudança no sistema produtivo, isto é, algumas áreas antes destinadas às lavouras temporárias e a criação de bovinos passaram à produção de cana-de-açúcar, o número de pessoas residindo no campo e alunos nas escolas rurais diminuíram, conforme mostra a tabela 3. Logo este processo não foi homogêneo em todas as comunidades rurais e escolas, algumas tiveram mais mudanças que outras, principalmente as mais próximas as instalações das sedes das indústrias sucroenergéticas.

Tabela 3 - Total de alunos por unidade escolar rural (Educação infantil ao Ensino Fundamental II).

Escolas Rurais	2009	2011	2013	2015	2017
Antônio Sabino Tomé	71	66	81	75	74
Custódio Antônio Cabral	132	90	54	70	64
Josino Rosa de Moraes	48	18	12	0	0
João Antônio Barbosa	75	92	95	139	98
Lino Gedeão	154	150	89	102	113

Fonte: Secretaria Municipal da Educação de Quirinópolis/GO

A Secretaria Municipal de Educação tem disponível o Censo Escolar apenas a partir de 2009, ou seja, os dados adquiridos até o momento já são do período em que ocorria a mudança na produção do campo quirinopolino. A primeira usina foi inaugurada em 2007 e a outra em 2008, sendo que anterior a este processo as lavouras de cana-de-açúcar já eram preparadas para abastecer as indústrias.

Percebe-se que, os dados não foram iguais para todas as escolas. Algumas perderam alunos no decorrer dos anos, em alguns momentos recuperaram. Já em outras o número é decrescente, ao ponto de extinguir uma delas. A escola no campo que mais apresenta alunos matriculados é a escola Lino Gedeão. Isso se deve à localização da mesma, por ser uma das duas mais distantes do perímetro urbano e também estar no sentido oposto as usinas. Nestas comunidades rurais a monocultura da cana-de-açúcar não é tão intensa e a escola atende também alguns alunos do campo do município vizinho de Cachoeira Alta.

A escola Lino Gedeão foi a mais recente construção entre as escolas, inaugurada em 2005. Mesmo com suas particularidades, de 2009 a 2017 percebeu-se uma pequena redução no número de alunos matriculados, diferente da escola Josino Rosa Moraes. Esta localizava-se na comunidade rural Sete Lagoas, mais próxima a uma das usinas sucroenergéticas. Esta escola apresentou uma redução intensa no número de alunos matriculados entre 2009 e 2013. Em 2014 a escola foi fechada e a partir de então os alunos existentes foram transportados diariamente para escolas urbanas.

A escola João Antônio Barbosa é a segunda hoje que apresenta o maior número de alunos. Esta localiza-se no distrito de Denislópolis, em Quirinópolis. A escola, além de atender os alunos que residem no distrito também recebe alunos das comunidades rurais próximas a ela. Já a Custódio Antônio Cabral também teve uma significativa redução no

número de alunos, porém é uma escola muito afastada do perímetro urbano e atende as comunidades rurais distantes. A rodovia que leva à cidade também não é próxima, por isto até o momento não há comentários de fechar a escola.

Por último a escola Antônio Sabino Tomé, que está localizada às margens da GO-164. Devido ao seu fácil acesso e por não estar muito longe da cidade esta escola pode ser mais uma fechada nos próximos anos. De acordo com a Secretaria Municipal de Educação, salas da educação infantil possuem poucos alunos e seria uma redução de custos para a prefeitura trazer estes alunos para a cidade do que pagar professores para licenciar na escola.

Esta é a única escola do município que atende alunos filhos de acampados do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que situam-se em construções instaladas de forma irregular na faixa de domínio da rodovia estadual GO-164. Fechar essa escola seria levar para a realidade urbana filhos de trabalhadores que lutam pela vida no campo, algo totalmente contrário à realidade destes alunos.

É preciso observar de forma mais profunda, isto é, entender quem são os sujeitos do campo, seu modo de vida, a importância do campo e das relações sociais no rural para estas pessoas e não projetar algo para as escolas apenas por números obtidos por um censo escolar. Caldart (2002, p. 19) salienta que:

A educação do campo se identifica pelos seus sujeitos: é preciso compreender que por trás da indicação geográfica e da frieza de dados estatísticos está uma parte do povo brasileiro que vive neste lugar e desde as relações sociais específicas que compõem a vida no e do campo, em suas diferentes identidades e em sua identidade comum; estão pessoas de diferentes idades, estão famílias, comunidades, organizações, movimentos sociais...[...].

Pensar o campo em uma perspectiva quantitativa é mais uma forma de negar aos que residem no rural uma oportunidade digna de vida e educação. É expulsar mais uma vez os sujeitos que lutam para preservar seu modo de vida com a terra. É menosprezar a organização social destas pessoas e suas comunidades rurais ao sobrepor a cidade e o ensino urbano por mera oportunidade de cortar gastos.

Em outras situações, alguns estudantes buscam migrar para a cidade. O motivo deste abandono do campo pelos jovens estudantes está ligado às oportunidades que a cidade oferece como um bom emprego, instituições de curso superior e as relações sociais frequentes, ou seja, o contato com um número maior de pessoas. De acordo com essa perspectiva:

Pelo exposto, percebe-se que enquanto estivermos presos a uma interpretação apenas teórico-administrativa, sem considerarmos as matrizes sócio-históricas e epistemológicas da educação no meio rural, estaremos apenas dando continuidade a um processo, por natureza, desigual e excludente (LEITE, 2002, p.89).

Compreende-se que, as questões que cercam o ensino rural brasileiro discorrem desde o século passado e, atualmente, é apenas a continuação de um processo iniciado outrora. Há uma necessidade de interpretar o campo como um lugar onde é possível ter um desenvolvimento social para as famílias que conservam sua história e tradições neste espaço, assim deve-se oferecer uma educação contextualizada com esta realidade, na perspectiva de valorizar o lugar para os que ali habitam.

Porém na realidade acontece o oposto. O investimento público nas escolas rurais é pouco satisfatório, o incentivo aos professores é praticamente nulo, o ensino levado ao campo segue premissas urbanas, o livro didático específico para o campo não é utilizado em nenhuma das quatro escolas rurais, ou seja, não existe interesse em investir nestas escolas e ensinar as crianças e jovens que no campo há um lugar para eles.

Os obstáculos emperram o desenvolvimento do ensino e, possivelmente, uma educação de qualidade para estes estudantes das escolas no campo, onde as ações limitam-se apenas a oferta de um conhecimento básico exigido pela legislação. Leite (2002, p. 85) afirma que,

A escola, como realidade específica nesses minicontextos, deixa de lado sua especificidade de correlação entre forças sociais e, aglutinando-se no emaranhado de justificativas e proposições filosófico-pedagógicas distantes de suas proposições naturais, aos poucos, vai perdendo sua identidade e sua referência como centro do processo comunitário.

Esta é a realidade de maioria das instituições de ensino rural espalhadas no campo brasileiro. A escola não se faz presente na comunidade como ativa e ponto de fortalecimento e união dos moradores do campo, ela torna-se fechada aos sujeitos externos a ela, com uma pedagogia fora do campo e assim não sobrevive neste espaço, pois não o reconhece nem valoriza-o.

Neste sentido o processo educacional excludente continua a negar o próprio lugar de vivência dos estudantes, sendo este praticamente inexistente para o conteúdo trabalhado em

sala de aula. Percebe-se que o processo ensino aprendizagem nas instituições rurais contribui para o conhecimento de uma vida universalizada, ou seja, atentando-se aos acontecimentos da exterioridade, fora do contexto a qual pertence.

Considerações finais

O setor sucroenergético se expande cada vez mais em nosso país. Em decorrência de sua expansão temos cada vez mais agroindústrias instaladas no território goiano, estas são voltadas para a produção de etanol, açúcar e energia elétrica. Devido à necessidade de abastecer o mercado, a produção canvieira aumenta em toneladas a cada ano, o que também implica no aumento de área colhida e área plantada. Esta é a realidade do campo em Quirinópolis.

Um campo que tem escolas padecendo com a diminuição do número de alunos. Um campo que vê suas escolas fecharem e sucumbirem diante ao setor sucroenergético. O campo que abre espaço para o capital e fecha as portas para os camponeses. O campo comandado pelo viés do lucro para os cofres públicos e que menospreza a cultura e tradição local.

Percebe-se que as escolas no campo não contribuem para uma educação contextualizada ao lugar, mas estas continuam sendo importantes para as comunidades que circundam-nas, devido ao acesso à educação mais próximo de suas casas e no próprio rural. Estas escolas tem uma história, uma tradição e, de certa forma, propiciam lazer para as famílias camponesas na realização de festas locais.

Entende-se que as escolas localizadas no campo tem uma funcionalidade para os camponeses e o fechamento destas pode ser a confirmação de que o campo serve apenas para o agronegócio no município. Deve-se valorizar o que ainda existe, fomentar o ensino destas escolas no campo para que um dia possam educar crianças e jovens para permanecer no campo, não o contrário.

Referências

CALDART, Roseli Salete. Por Uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In. KOLLING, E. J; CERIOLI, P. R; CALDART, R. S. (Orgs.). **Por Uma Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas**. Brasília. DF: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002, p. 18-25. (Coleção Por Uma Educação do Campo, n.4).

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 17. Ed. Campinas: Papyrus, 1998. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios á multiterritorialidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2004

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **CIDADES@**. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/go/quirinopolis/panorama> >. Acesso em: 22 jun. 2017.

JESUS, José Novais de. A geografia da educação no espaço rural: debates e proposições. In: JESUS, José Novais de; SANTOS, Gilberto Celestino (Orgs.). **Geografia e sujeitos do Cerrado: análises e reflexões**. Goiânia: Kelps, 2015.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. v. 70. (Coleção Questões da Nossa Época).

SANTOS, Joelma Cristina dos. **DOS CANAVIAIS À “ETANOLATRIA”**: o (re)ordenamento territorial do capital e do trabalho no setor sucroalcooleiro da Microrregião Geográfica de Presidente Prudente – SP. 375f. Tese (Doutorado em Geografia). Uberlândia: UFU, 2009.

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE QUIRINÓPOLIS/GO. **Censo Escolar**. 2009-2017.

SOUZA, Edevaldo Aparecido. **O território e as estratégias de permanência camponesa da comunidade Pedra Lisa no processo de expansão das lavouras de cana-de-açúcar em Quirinópolis/GO**. 351 f. Tese (Doutorado em Geografia). Uberlândia: UFU, 2013.

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. **Agronegócio Alcoolizado e Culturas em Expansão no Pontal do Paranapanema!** Legitimação das Terras Devolutas e Neutralização dos Movimentos Sociais. Anais: III Jornadas de Estudos em Assentamentos Rurais. Anais: Feagri/Unicamp, Campinas, 2007.